

# .....LITERATURA...E..



*This work attempts to reflect on the role of literature in the process of humanization of history. To realize this objective, I take recourse to a selected series of authors of the XVI century and the beginning of the XVII. I consider as essential the debate about accomplishing or not of the task that initiated the modern world, the great discoveries. Many allege that the realization of such tasks entails excessive costs to humanity and, hence, prefer the maintenance of the old. For others, on the contrary, history does not count costs. This is the theme of the debate.*

*Keywords: Society - History - Change*

O objetivo do trabalho é refletir sobre o papel da literatura no processo de humanização da história. Para fazê-lo recorro a um conjunto - significativo - de autores do século XVI e início do XVII. Tomo como questão essencial o debate que travam acerca do cumprimento - ou não - da tarefa que dá início ao mundo moderno, os grandes descobrimentos. Muitos alegam que a realização de tais tarefas implica em custos excessivos à humanidade e, por isso, preferem a manutenção do velho. Para outros, ao contrário, a história não regateia preços. Este o tema do debate.

Palavras-chave: Sociedade - História - Transformação

# ..HISTÓRIA..

Fani Goldfarb Figueira\*



*Cesse tudo o que  
a Musa antiga canta,  
Que outro valor mais  
alto se alevanta.*

Luís de Camões

*\* Doutora em Sociologia  
pela USP. Professora do  
Departamento de Ciências  
Humanas da UFMS -  
Campo Grande, MS.*

*Este texto foi originalmente  
apresentado em palestra  
proferida na UFMS - Corumbá*

É muito comum - entre os historiadores - quando se trata de analisar a obra de um autor, vê-los descrever a época em que viveu e escreveu esse autor.

Evidentemente, não somos contrários a esta prática. Reputamos mesmo indispensável para esta análise o conhecimento da época. Entretanto, o que nos parece inteiramente injustificável é buscar na época - como se fosse algo inteiramente natural - as razões das formulações do autor. As relações entre a época histórica e aquilo que os seus personagens pensam dela são relações muito mais complexas do que à primeira vista parecem. Sobretudo, são muito menos direta do que tais historiadores parecem crer. Mesmo porque a época não tem uma explicação do autor independente dele, já que, sem ele, a própria época não tem explicação. A menos, claro, que se creia que constitui explicação suficiente afirmar-se que os autores do século XV pertenciam ao humanismo.

Para evitar recorrer a esta mesma prática, aliás muito tentadora devido à sua facilidade, proponho-me a tentar reconstituir o debate que então se travava.

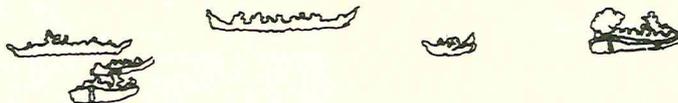
É algo assim como se eu viesse contar-lhes momentos de uma polémica travada nos primórdios da sociedade moderna por aqueles indivíduos que se destacaram na condução dos interesses desta sociedade.

Evidentemente que não posso dar conta da totalidade deste debate. Vale, no entanto, atentar para o que dizem estes pensadores: esta é uma época cheia de surpresas e de descobertas de tesouros inimagináveis.

O esforço é tanto mais justificável quanto nesta época estavam começando a ser geradas certas soluções sociais que hoje, depois do seu pleno desenvolvimento, já se tornaram caducas e desnecessárias, e, por isso mesmo, passaram a ser condenadas pelos homens.

Se, hoje, o colonialismo, a escravidão, a expropriação generalizada não são mais necessários, isto não significa que possam ser julgados, pelos críticos atuais, aqueles que sentiram - no devido momento - o quanto estas formas eram necessárias. Vejamos, por exemplo, Camões.

Devo reconhecer que não é muito fácil, nos dias que correm, entender todo o mérito que cabe a Camões por haver exaltado os "rudes homens" que deveriam levar a cabo a tarefa dos descobrimentos. Já hoje, quando não se tem mais necessidade das mesmas classes, é com dificuldade que se chega a entender que elas tenham - um dia - sido produzidas como uma necessidade.



*É difícil entender, hoje, que as classes tenham - um dia - sido produzidas como uma necessidade histórica.*

O feito de Camões reside precisamente em haver captado o momento em que a necessidade de redimensionar o mundo se patenteava. A necessidade de “arredondar o mundo” estava dada; era preciso, no entanto, produzir a classe que dirigiria esta tarefa.

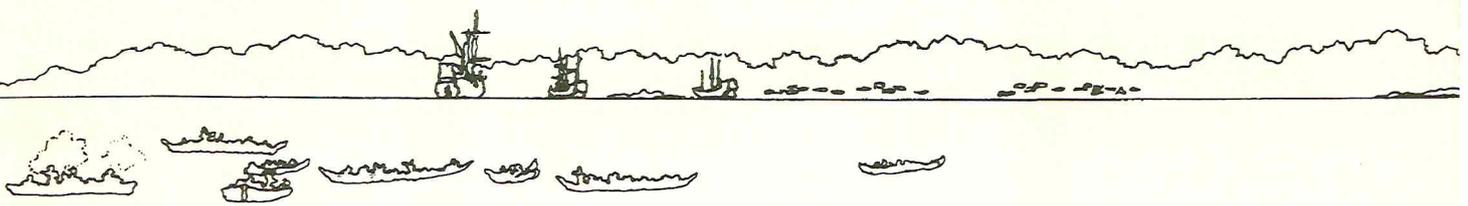
Hoje, sabemos nós que a classe que o arredondou foi a burguesia. Mas, àquela época não se sabia. Ou melhor, não se podia saber, porque tal classe estava apenas se gestando. Ela não poderia sê-lo se não realizasse a sua tarefa. Sómente porque a levou a cabo, isto é, apenas porque teve coragem de a realizar, coragem de tudo experimentar, é que ela se fez classe burguesa. A Camões cabe o imenso mérito de havê-la instigado.

Está claro que não pretendo propor que se leia as obras desses autores como se a história não houvesse ocorrido. Ao contrário. É só porque a história já ocorreu que, hoje, nós somos capazes de acompanhar o debate no momento mesmo em que ele se travava e entender o quanto são os homens que fazem a sua história. Ao ver estes homens lutando para que as necessidades históricas de sua época fossem atendidas, nós nos preparamos para entender que as necessidades da nossa época não se realizarão sem a nossa concorrência.

Mas, vejamos este debate.

Nele estão presentes grandes nomes da história humana. Está Camões, zarolho, já que no seu próprio dizer ele voltou da Índia “mancando de um olho”. Está também Bacon e ninguém precisa surpreender-se pelo fato de homens que viveram com um século de diferença, dialogarem. A resolução das difícilísimas questões históricas não são pautadas pelo nosso mesmo ritmo. Sua temporalidade é outra. Por isso, está também Bacon, o inglês que levou a paixão pela experiência ao ponto de morrer de uma pneumonia contraída enquanto tentava descobrir - recheando de neve um frango morto - quanto tempo podia a carne, sob refrigeração, ser mantida sem deteriorar-se para o consumo humano.

Presente, ainda, Morus, também ele inglês e também ele um apaixonante pensador. Sua combatividade tornou-se célebre quando, diante do horror que lhe causava a intensidade da expropriação na Inglaterra, declarou: “este é um país em que os carneiros (criados para a produção da lã) devoram os homens”. Morus perdeu a cabeça, mas, conta-se, não perdeu o bom humor. Para subir ao cadafalso pediu ao carrasco que o ajudasse a fazê-lo pois sofria de gota. “Na volta, disse ele, não precisarei incomodá-lo”. Está também presente Garcia de Resende, o poeta português, contemporâneo de Camões, que preferia a paz das secretarias reais, onde coletava o *Cancioneiro Geral*, às lides destas polêmicas a que ele em vida tanto se furtou. Resende não se dispunha a pagar o preço que a história cobra aos homens pela satisfação das suas necessidades. Preço alto, como atestam a condenação de Giordano Bruno, o exílio voluntário em que viveu Descartes ou a retratação a que Galileu foi obrigado. O próprio Resende declara não estar disposto a pagar preços tão altos quando, acerca do esforço que demandava a busca da pimenta - erva indispensável à conservação dos alimen-



tos nos períodos em que os homens passavam tanto tempo no mar - diz<sup>1</sup>:

I

*"Por passar tanta tormenta,  
tempo e vida tão forte,  
e tão perto ser da morte,  
antes não quero pimenta.*

II

*Cá farei minha guarida  
em escrever e notar  
e me quero contentar  
com a vida."*

Garcia de Resende se intimida ante os horrores que cercam a tarefa de "arredondar o mundo", na feliz expressão de Colombo, para conformá-lo às necessidades da circulação das mercadorias. Seu pavor não é infundado. Veremos isto pela descrição de Pigafetta. Este navegante italiano se tornou célebre porque, tendo se agregado à expedição de Fernão de Magalhães, anotou, dia a dia, os acontecimentos desta *Primeira Viagem em Torno do Mundo*, viagem esta que durou três anos e da qual só regressaram 18 dos 239 homens que haviam embarcado. Lê-se, a certa altura do diário<sup>2</sup>:

"28 de Novembro de 1520 - Saída do Estreito.

*Na segunda-feira, 28 de novembro, desem-  
bocamos do Estreito para entrar no grande  
mar, a que em seguida chamamos mar Pacífi-  
co e no qual navegamos 3 meses e 20 dias  
sem provar nenhum alimento fresco. Má ali-  
mentação no mar Pacífico: os biscoitos que co-  
míamos já não era pão e sim um pó misturado  
com vermes que haviam devorado toda a subs-  
tância dos biscoitos. Este pó tinha um fedor  
insuportável pois estava empapado de urina  
de rato. A água a que nos víamos obrigados a  
beber era igualmente pútrida e hedionda. Para  
não morrer de fome chegamos ao horrível tran-  
se de comer pedaços de couro com que se ha-  
via coberto o mastro para impedir que a ma-  
deira roçasse as cordas. Este couro, sempre  
exposto à água, ao sol e aos ventos, estava  
tão duro que foi preciso deixá-lo de molho no  
mar durante quatro ou cinco dias para que*

*amaciasse um pouco e, em seguida, nós o cozi-  
nhamos e comemos. Penúria extrema: fre-  
quentemente nossa alimentação ficou reduzi-  
da a pó de serra. Esta era a única comida,  
pois os ratos, em geral tão repugnantes ao  
homem, passaram a ser um manjar tão caro  
que se pagava por cada rato um ducado e  
meio".*

Acerca desses preços, diz ainda Pizarro, o navegante espanhol: "Não é raro que a fome force os marinheiros a comer ratos e o couro dos mastros. Em 1540, um rato valia, na Esquadra (de Pizarro), 4 escudos."<sup>3</sup>

Bernardo de Brito recolheu numa *História Trágico-Marítima* relatos de naufragos portugueses. Vejamos o que dizem alguns<sup>4</sup>:

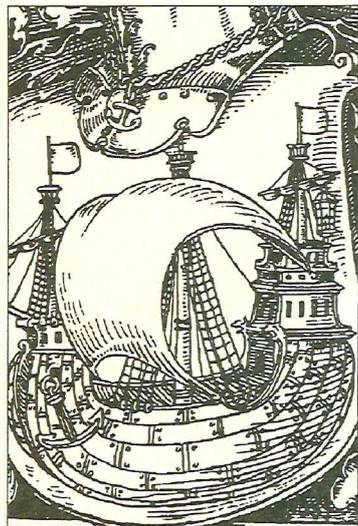
*"Em 1555, Manuel Rangel anotou: já seria-  
mos haveria obra de 20 dias partidos da Ilha  
com o mantimento que acima disse; nele tive-  
mos tanto regimento que não bebíamos mais  
que um copinho de vidro muito pequeno de  
água, e dos tubarões comíamos uma só talha-  
da da grossura de dois dedos, e assim íamos  
tão fracos que nos não podíamos ter, e assim  
passamos muita fome e sede pelo mar, que  
houve pessoas que bebiam mijo e dele morre-  
ram quatro pessoas."*

O relato de um outro naufrago português, Bento Teixeira Pinto, de 1565, recolhido na mesma História, diz<sup>5</sup>:

*"Aos 27 deste mesmo mês, que foi dia de  
São Cosme e São Damião, começamos a lançar  
ao mar algumas pessoas que nos morreram  
de fraqueza e com pura fome e trabalhos; e foi  
tanta a necessidade da fome que padecíamos,  
que alguns dos nossos companheiros se foram  
a Jorge de Albuquerque e lhe disseram que  
bem via os que morriam e acabavam de pura  
fome, e os que estavam vivos não tinham cousa  
de que se sustentar, e pois assim era, lhes  
desse licença para comerem os que morriam."*

Não se creia que o dramático de tais situações decorra do fato de as navegações marítimas estarem apenas nos seus primórdios.

1. RESENDE, Garcia de - (1554). (Vol. III, p. 344). In: CIDADE, Hernâni, *Lições de Cultura Brasileira*. Livros de Portugal. Rio de Janeiro, p. 71.
2. PIGAFETTA, Antonio - (1491 - 1534), *Primer Viaje en Globo*. Ed. Espasa - Calpe, S.A., Madrid, Collection Austral, n° 207, 1ª edição, 1941, 5ª edição, 1963.
3. PIGAFETTA, op. cit. Nota do Editor, p. 64.
4. BRITO, Bernardo de. *História Trágico-Marítima*. Vol. I, p. 128, publicações Europa América, Lisboa, 1956.
5. Id. Vol. II, p. 42.



*Os grandes descobrimentos tratam de conferir ao mundo a redondez requerida pela mercadoria.*

Conferir ao mundo a redondez requerida pela mercadoria cobra preços altos mesmo quando a travessia se faz por regiões tão secas quanto é o Deserto. V. de M. Godinho, o historiador português da atualidade, transcreve as agruras dos que têm que transpor mercadorias por mares de areias, onde, se não há naufragos, não faltam as tempestades<sup>6</sup>:

*“À angústia da sede acrescentava-se por vezes a da fome, mas com muito menor frequência, visto que a montada (os camelos) ou besta de carga constitui ela própria uma reserva de alimento; pode todavia faltar a lenha para cozinhar, é corrente comer a carne simplesmente seca ao sol. Ainda há que suportar tanto o calor excessivo do dia, devido ao qual se chega a urinar sangue, como o frio da noite (...) E não é raro que uma violenta tempestade de areia venha perturbar a marcha, matando até homens e animais, cegando-os, secando-lhes a garganta a ponto de tornar extremamente dolorosa a sensação de sede.”*

Devemos prestar muita atenção aos argumentos destes debatedores para que o horror que transpira das suas narrativas não nos leve a tomar uma posição de pavor ante a história. A tarefa que têm que realizar é difícilíssima, mas eles se fizeram dominantes exatamente porque não recuaram ante tais horrores. Entenderam que, tendo produzido a necessidade da troca, os homens teriam que satisfazer esta necessidade. Entenderam que a história é implacável nas suas cobranças. Ou os homens realizam as suas necessidades ou sucumbem na barbárie.

Portanto, se há vozes como as de Resende ou a de Frei Heitor Pinto, que condenam as novas relações que entre si estabeleceram os homens, as relações burguesas, fundadas na troca de mercadorias, há também as vozes que exaltam a produção destas novas relações. Se elas trazem desgraças, estas são ínfimas quando comparadas à imensa potencialidade de liberação humana.

Assim, ao rebelar-se porque também os índios foram tornados mercadorias e, como tais, trocados, diz Resende<sup>7</sup>:

*“De índios se nos pegou  
Tratar e mercadoria.  
Dantes não se costumou  
Por baixeza se havia  
Em alteza se tornou.”*

Sua voz encontra eco nas palavras de Frei Heitor Pinto<sup>8</sup>:

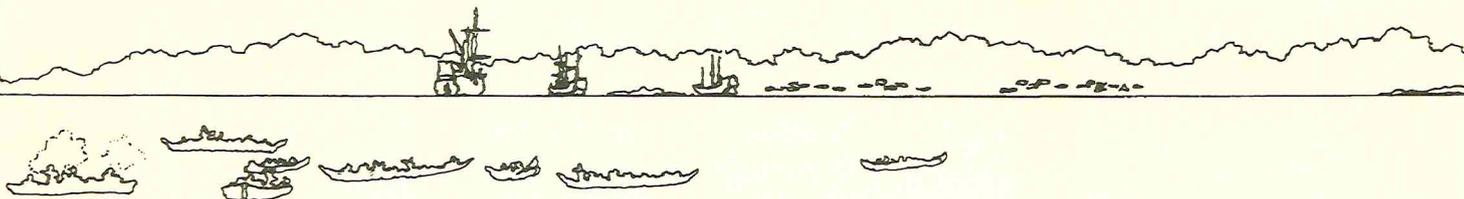
*“Dizem bem da pobreza, mas não a querem ver em sua casa. Há aí muitos que a louvam e poucos que a seguem.*

*Vejo a cobiça entrada no mais íntimo do coração dos homens, muitos dos quais se prezam mais da vaidade de ricos que da dignidade de Cristãos. Vão buscar riquezas ao cabo do mundo, e por amor de Cristo não dão um passo. Achem outras estrelas, outros*

6. GODINHO, Vitorino de Magalhães. *Os Descobrimientos e a Economia Mundial*. Ed. Arcádia, Lisboa, 1963, 2 vols.p. 88.

7. In: CIDADE, Hernâni. *Luis de Camões. O Lírico*. Vol. I. 3ª edição corrigida e anotada. Liv. Bertrand, Lisboa, 1967, p. 65. A 1ª edição data de 1936.

8. PINTO, Frei Heitor. *Imagem da Vida Cristã*. (1563). Prefácio e notas pelo Padre M. Alves Correia. Ed. Sá da Costa, Lisboa, 1940, Clássicos Sá da Costa, 4 vols., vol. IV, p. 164.



*mundos novos: não há mares tão imensos que não naveguem, não há regiões tão remotas que não penetrem, não há lugares tão escondidos que não descubram. Por grandes desejos que tenham da vida, maiores os têm do dinheiro, pois a aventuram por ele. Confessam claramente que não são tão amigos da vida que sem riqueza a queiram possuir; e sem virtude, sim. Anda a virtude tão mal avaliada em sua opinião, que qualquer riqueza têm em mais: e fogem da pobreza como da peste.”*

Inteiramente contrário a tais condenações é o argumento a que recorre Tomé Pires, na sua *Suma Oriental*. Segundo ele, as relações humanas fundadas na troca de mercadorias são extremamente necessárias. Por isso, para defendê-las, ele diz<sup>9</sup>:

*“O qual trato da mercadoria é tão necessário que sem ele não se susteria o mundo; este é que enobrece os Reinos, que faz grandes as gentes e nobilita as cidades, é o que faz a guerra e a paz no mundo. É hábito o da mercadoria limpo.”*

Os *Descobrimentos* traziam no seu bojo uma outra questão extremamente polêmica: a escravização dos bárbaros, nome genérico pelo qual os europeus se referiam às populações por eles recém-descobertas. Garcia de Resende, coerente com as suas posições, opõe-se a ela:

*“Vimos muito espalhar  
Portugueses no viver,  
Brasil, ilhas povoar  
Às Índias ir morar,  
Natureza lhes esquecer:*

*Vemos no Reino meter  
tantos cativos crescer  
e irem-se os naturais,  
que se assim for, serão mais  
eles que nós, a meu ver.”*

Michelangelo, ao contrário, numa clara tomada de posição ante as necessidades do seu tempo, participa, ele também, do debate, por via da pintura, cuja genialidade dispensa as palavras. Os afrescos da Capela Sixtina revelam que não apenas ele não condena o processo de colonização, mas, ainda mais, o vê como necessário e progressista. Nestes afrescos se

vê um Europeu - provavelmente um português - puxando para o Paraíso dois indígenas do Ultra-mar: um negro e um ameríndio. Ou seja, é por via do Europeu que os “bárbaros” lo-gram entrar no Paraíso.<sup>10</sup>

Para defender a necessidade da colonização contra o renomado Las Casas, ergue-se a voz de um outro bispo, Sepúlveda. Las Casas é o bispo que tão severamente condenou Colombo por este declarar aos Reis Católicos que muito embora não houvesse encontrado ouro, encontrara algo melhor do que o ouro: o índio, que se podia escravizar. Pretender - como o queria Las Casas - catequizar pacificamente os índios, significava, segundo Sepúlveda o dizia, pura e simplesmente não extrair ouro e prata na quantidade que o mundo, então, estava a exigir. Por isso ele diz<sup>11</sup>:

*“Os males que, dizem, nós fazemos aos índios, consiste em privá-los de grande parte dos seus bens móveis, privá-los do ouro e da prata, metais a que, na verdade, eles nem dão muita importância. Em troca, como retribuição, eles recebem dos espanhóis o ferro, metal que lhes é muito mais útil para muitíssimos usos da vida. Recebem, ademais, o trigo, a cevada, os legumes e as mais variadas espécies de árvores frutíferas, recebem azeites, cavalos, mulas, ovelhas, bois, cabras e outras muitas coisas jamais vistas pelos índios. A utilidade de cada uma destas coisas supera largamente o proveito que os índios tiravam do ouro e da prata. Acrescente-se que os espanhóis lhes dão as letras, já que então eles ignoravam completamente a escrita e a leitura, lhes dão a civilização, as boas leis e as instituições; dão-lhes algo que supera qualquer outro bem: o conhecimento do verdadeiro Deus e da religião cristã.*

*Por isto tudo é que eu advirto aos que tentam impedir a colonização, para que os índios não caiam em poder dos cristãos, que, ao contrário do que se propõem, não estão favorecendo humanamente aos bárbaros.”*

À época de Camões, o pequeno Portugal, aquele que descobrira o caminho marítimo para as Índias, que unira África e América pelos intrincados laços da escravidão colonial, pro-

9. *Suma Oriental*. Proemio, vol. II, p. 325. In: GODINHO, Op. cit., p. 63.

10. CIDADE, Hernâni. *Lições de Cultura Brasileira*. Livros de Portugal, Rio de Janeiro, 1960, p. 145.

11. LOSADA, Angel. *Apologia*. Juan G. de Sepúlveda. Fray Bartolomé de las Casas. Trd. Castelhana de los textos originales latinos, introducción, notas e índices. Ed. Nacional, Madrid, 1975, p. 76.



*Em contraposição à nobreza, a burguesia é uma classe que produz a sua grandeza, mesmo tendo que atravessar "mares nunca d'antes navegados".*

dutora, pela primeira vez em escala mundial, de mercadorias, avançada da revolução industrial; o mesmo Portugal que subvertera pelas bases os dogmas sobre os quais se assentava o poder do mundo feudal, este mesmo Portugal ameaçava sucumbir, nos tempos de Camões, sob o peso da grandeza que ele próprio ajudara a criar.

Portugal ameaçava sucumbir porque não estava sendo capaz de transformar as riquezas que conquistava além-mar - pimenta, ouro, pérolas, marfim, etc. - em riqueza produtiva. Ou seja, Portugal utilizava as riquezas que trazia de além-mar apenas como dinheiro. Utilizava-as para comprar, sobretudo da Inglaterra e da Holanda, mas também da França, tudo de que necessitava. Comprava tecidos, lã, rendas, etc. Deste modo, Portugal não transformava os seus pobres em proletários, não transformava suas riquezas em capital.

Portugal, que antes dos demais desagregou as antigas relações de trabalho, transformando antigos servos em marinheiros, não conseguia, agora, criar para os seus pobres as relações burguesas de trabalho.

Assim, em Portugal, os pobres, que não produziam capital, tornaram-se ociosos e buscaram proteção na Igreja que, por sua vez, com tanta gente, se fortaleceu enormemente.

As desproporcionais dimensões que assumiu a Igreja em Portugal tornaram-se tanto mais famosas quanto elas ameaçavam transformar-se num dique poderoso capaz de impedir que a história moderna aí fluísse normalmente.

Em 1620, Nicolau de Oliveira, (*Livro das Grandezas de Lisboa*) nos dá os números que dimensionam esta desproporção.

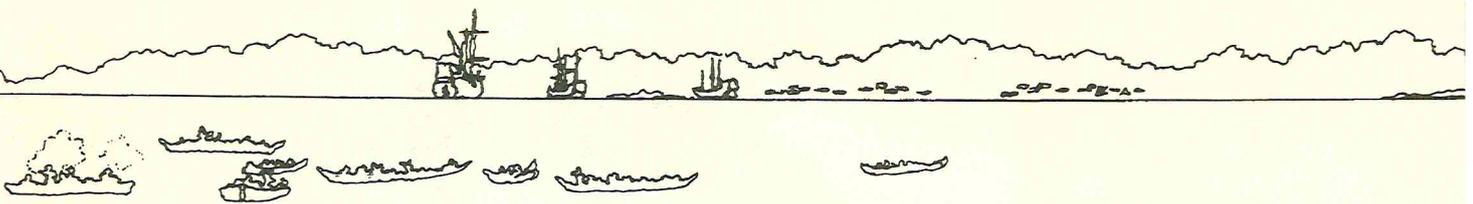
*"Só nos 42 conventos de Lisboa, cidade a que se atribuía a população de 165.000 habitantes, havia 3.189 frades e freiras, a que é preciso juntar os 300 clérigos que serviam às igrejas paroquiais da cidade e não incluindo os dignitários da Catedral, os clérigos da Inquisição, etc. Não exageramos de certo se orçamos em 3.500 aproximadamente o número de pessoas eclesiásticas, só na capital do Reino. Para avaliar o significado deste número convém confrontá-lo com o conjunto constituído por médicos, boticários, cirurgiões, mestres de ler e tabeliões que, reunidos, perfaziam um número de 121; ou ainda com o total dos calafates, carpinteiros de naus, homens do cais e outros auxiliares da construção naval, que não devia exceder os dois milhares na cidade que era um dos mais importantes portos e estaleiros do mundo.*

*Em todo o país havia pela mesma época 450 conventos. Cifrava-se, pois, em muitas dezenas de milhar a parcela da população portuguesa que vivia das rendas eclesiásticas ou da piedade dos fiéis."*<sup>12</sup>

Conquanto Camões não idealize a tarefa dos descobrimentos nem escamoteie as suas dificuldades, ele oferece, aos que se dispuseram a enfrentar "a rude empresa", o paraíso humano dos Cantos 9 e 10. Sabe, até por experiência própria, que o caminho é "árduo, difícil, duro a humano trato".

O Paraíso que Camões nos descreve não é mais do que aquele que os próprios homens podem vir a conquistar. Não é divino, mas

12. In: SARAIVA, Antonio José. *História da Cultura em Portugal*. Jornal do Foro, Lisboa, 1962, III vol., p. 16/7.



humano. Não é uma benção que se pede, mas uma vitória que se conquista. Não é, em suma, uma utopia, mas uma realidade factível.

Se Resende lamenta a ausência de grandes homens, Camões diz que não são grandes senão os homens que cumprem a sua tarefa histórica. Resende rememora, saudoso, os tempos e os hábitos mimosos da aristocracia. Camões retruca que não é entre mimos e delícias que se formam os homens capazes de tão árdua empresa. Os grandes homens dos novos tempos são rudes porque rude é a sua empreitada. Referindo-se à “estupidez” burguesa, diz Adam Smith: “quando toda a atenção de uma pessoa se concentra num dezessete avos de um alfinete ou num oitenta avos de um botão, ela torna-se estúpida.”

Diz Resende<sup>13</sup>:

*“Que honrados cavaleiros  
para per si pelejar,  
para capitanear  
confessar, ser verdadeiros,  
vimos há pouco acabar!”*

*ficou tal necessidade  
de homens desta qualidade,  
que para a Índia mandar  
se não podia um achar  
sem muita dificuldade.”*

Camões deu-se conta da rudeza dos homens de seu tempo. Se, apesar dos “ouvidos rudes”, Camões não abandona seu cantar, é porque compreende que a burguesia, em contraposição à nobreza, é uma classe que produz a sua grandeza, uma classe que *vai buscar* sua fonte de poder e de riqueza nem que para tal tenha que arrotar perigos e atravessar “*mares nunca d’antes navegados*”. Camões não permite que a importância de uma tal produção, de uma tal conquista, seja reduzida à estatura daqueles indivíduos que a personalizam, Gama, por exemplo.

Camões instiga a nascente burguesia a fazer-se tal porque ele se dá conta de que, ao contrário da aristocracia com quem de fato peleja, esta é uma classe cujo poder não é outro senão aquele que é *seu produto*, produto

do seu esforço. Ao contrário da aristocracia, a nobreza da burguesia não é de origem divina, não lhe advém pelo nascimento, é uma nobreza que se conquista na luta, que se conquista pelo trabalho, se conquista, como vimos, “comendo cobras e lagartos”.

*“Por meios destes horridos perigos,  
Destes trabalhos graves e temores,  
Alcançam os que são de fama amigos  
As honras imortais e graus maiores;  
Não encostados sempre nos antigos  
Troncos nobres de seus antecessores;  
Não nos leitos dourados, entre os finos  
Animais de Moscóvia zibelinos;*

*Não co’os manjares novos e esquisitos;  
Não co’os passeios moles e ociosos;  
Não co’os vários deleites e infinitos,  
Que afeminam os peitos generosos;  
Não co’os nunca vencidos apetitos,  
Que a fortuna tem sempre tão mimosos,  
Que não sofre a nenhum que o passo mude  
Para alguma obra heróica de virtude  
Mas com buscar, co’o seu forçoso braço,  
As honras que lhe chame próprias suas;  
Vigiando e vestindo o forjado aço,  
Sofrendo tempestades e ondas cruas,  
Vencendo os torpes frios no regaço  
Do Sul e regiões de abrigo nuas,  
Engolindo o corrupto mantimento,  
Temperado c’um árduo sofrimento;*

(Canto VI)<sup>14</sup>

Devo concluir. Gostaria de fazê-lo tendo deixado claro que meu objetivo na análise de Camões e da sua época deve-se exclusivamente ao desejo de entender o que é a história.

Faço um permanente esforço para lembrar-me de que quando nós dizemos que esta época é a do Humanismo esta idéia encerra luta. Esforço-me por superar uma certa tendência que acreditou ser algo muito simples colocar o homem no centro do mundo, esquecendo que para o fazer era necessário, antes, deslocar Deus e a religião. Esforço-me, sobretudo, para lembrar que são os homens que fazem a sua própria história.

13. RESENDE, Garcia. (Vol. III, p. 123/124). In: CIDADE, Hernani - *Lições de Cultura Brasileira*. Op. Cit. p. 73.

14. CAMÕES, Luis de. *Os Lusíadas*. Edição da Abril Cultural, 1982, com ilustrações de Lima de Freitas, prefácio e notas de Hernâni Cidade.